

Linguagem neutra: reflexões sobre língua, linguagem e gênero

Arthur Marques de Oliveira¹

Juliana Marschal Ramos²

OTHERO, Gabriel de Ávila; FILHO, Fábio Ramos Barbosa (Org). **Linguagem “Neutra”. Língua e Gênero em Debate**. São Paulo: Parábola, 2022.

A obra intitulada *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate* foi organizada pelos professores e pesquisadores Fábio Ramos Barbosa Filho e Gabriel de Ávila Othero e contou com a contribuição de 12 linguistas brasileiros. A importância da organização da obra aqui resenhada é apresentar temas relacionados à língua e gênero sob diferentes pontos de vista dentro dos estudos da linguagem, sendo composta por nove textos de linguistas de várias partes do Brasil, vindos de áreas como Análise do discurso, Teoria gerativa, Pragmática, entre outras.

O artigo que abre a obra resenhada é “O gênero e o gênero”, do professor Dr. Sírio Possenti, que atua como professor titular no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (Unicamp). Como o autor mesmo define seu texto, trata-se de um “pout-pourri”, uma “apresentação de algumas vozes sobre o tema” (POSSENTI, 2022, p. 18), em que vai fazer uma aproximação entre a questão do gênero do ponto de vista gramatical com a questão do gênero no âmbito social. Sua reflexão gira em torno do léxico e da marcação de gênero, o que torna o texto uma porta de entrada essencial para as discussões posteriores ao trazer elementos base para que questões de gênero e língua sejam compreendidas. Ao trazer as vozes de gramáticos, linguistas e dos falantes em geral, ele faz uma introdução sobre o gênero gramatical e discute sobre como a violência discursiva aparece no léxico de maneira expressiva. Nas palavras de Possenti (2022, p. 35), trata-se de “uma exigência moral reconhecer o valor

¹ Mestrando em Estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: arthubp2@gmail.com.

² Mestranda em Estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: julianamarschalramos@gmail.com.

das instituições da Comunidade dos falantes, ou mesmo de parte dela, no que se refere às opções a serem adotadas (e a serem excluídas)”.

O segundo capítulo do livro é de dupla autoria, contando com o Prof. Dr. Heronides Moura, que atualmente é professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina. O segundo autor é o Me. Guilherme Ribeiro Colaço Mäder, doutorando em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina. No artigo, os autores tratam sobre: i) a suposta "neutralidade" das formas masculinas não marcadas no PB; ii) a apresentação das funções da reversão gramatical em corpus extraídos de *tweets*, bem como as funções da reversão de gênero encontradas no português brasileiro. E a discussão é feita a partir da problematização da ideia de que o gênero gramatical masculino é neutro, se isso seria possível, sendo que se uma gramática apresenta marcações de gênero gramatical, essas marcações servem para segmentar e ordenar os seres humanos de acordo com determinadas categorias, sendo a mais fundamental delas a que separa homens e mulheres. Ainda de acordo com os autores, “como consequência, não pode existir uma linguagem neutra do ponto de vista do gênero gramatical, pois ele define, necessariamente, um recorte das categorias biológicas percebidas no mundo” (MOURA; MÄDER, 2022, p. 39). Essa leitura pode nos lembrar de uma discussão que circulou na mídia. Reis (2020)³ menciona sobre o dia em que a cantora brasileira Anitta fez uso de suas redes sociais para relatar sobre a descoberta de que a palavra “patroa” era definida pelo Google como “dona de casa” e “mulher do patrão”.

O terceiro capítulo, “Conflito de regras e dominância de gênero”, é de autoria da Profa. Dra. Raquel Meister Ko Freitag, professora do Departamento de Letras Vernáculas, do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe. Nesse artigo, a autora aborda uma questão pertinente sobre a língua: o apagamento do gênero feminino na língua. Dessa forma, ela descreve o uso do masculino como “supostamente neutro” (FREITAG, 2022, p. 61) e reflete sobre a percepção do falante sobre o masculino como forma neutra (ou “não marcada”). Tudo isso ilustrado por sua trajetória de luta pela inclusão da marcação de gênero feminino em documentos, narrando sua experiência pessoal de ver seu diploma tendo o masculino “neutro” gravado em sua titulação.

³ Para saber mais sobre a discussão mencionada no corpo do texto, o texto na íntegra está disponível em: <https://capricho.abril.com.br/entretenimento/apos-criticas-de-anitta-dicionario-do-google-muda-a-definicao-de-patroa/>. Acesso em 24 jun. 2022.

“A morfologia de gênero neutro e a mudança acima do nível da consciência” é o quarto artigo da obra e é de autoria de Silvia Cavalcante. Atualmente, ela é professora associada I da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Neste artigo, a autora faz uma reflexão sobre as formas de marcação morfológica do gênero neutro tanto na escrita quanto na fala, relacionando língua e identidade. Essa análise morfológica é feita a partir do sistema de gênero neutro em diferentes línguas, baseando-se na proposta de Câmara Júnior. A partir de exemplos retirados de contextos reais, a autora faz uma análise da variante de gênero neutro em textos feitos por alunos e professores na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assim, ela faz uma discussão sobre estigmatização de variantes usadas por grupos minoritários e sobre identidade linguística. Nas palavras de Cavalcante (2022, p. 93), “Reconhecer o uso da linguagem neutra como um dialeto válido é reconhecer a identidade dos indivíduos que se reconhecem como não binários”.

O quinto artigo é “Feminismo, mídias digitais e linguagem inclusiva”, de autoria de Anna Christina Bentes, Rafaely Carolina da Cruz e Carolina Jansen Gandara Mendes. “OBRIGADE”. É assim que as autoras iniciam, a partir de uma situação concreta para então debater sobre a linguagem inclusiva de gênero. Trazendo conceitos como indicialidade, estilização e mobilidade, são analisados sites e páginas na rede social Facebook para verificar como feministas marcam os gêneros em textos situados em contextos de feminismo. Neste texto, elas justamente discutem sobre movimentações estilísticas e sobre o impacto disso em relação à natureza estratégica diante do interlocutor. Sendo assim, amplia-se a discussão de gênero gramatical para além do normativo. A discussão traz a interlocução, o social e aponta para a importância da “diversidade de marcação de gênero gramatical”, já que isso pode ser fundamental para a “conquista e manutenção de direitos e amparos político-sociais de grupos estruturalmente oprimidos” (BENTES; CRUZ; MENDES, 2022, p. 118).

Em “Quem é ela?: a invenção de um pronome não binário”, Danniell Carvalho, professor de Linguística na Universidade Federal da Bahia, inicia a discussão a partir de uma epígrafe com uma citação Sartre (1968 [1961]), mostrando de antemão o tom do seu texto: uma discussão que traz o colonialismo, os estereótipos e a discriminação como problemáticas a serem abordadas. Carvalho mostra a disparidade entre as adaptações linguísticas diante da pluralidade de manifestações de identidades de gênero, além de discutir sobre o pronome “êla”, pronome que tem a proposta de ser neutro.

Além disso, ele aponta para a importância de se pensar nas relações de poder na sociedade para se pensar uma língua. É a partir de um panorama histórico que ele mostra a forma como a língua é descrita até hoje em termos de visão de gramática como autoridade máxima. Chama a atenção que Carvalho retirou vários exemplos de línguas de países que foram colonizados, o que amplia ainda mais a discussão para além das línguas de países colonizadores, mostrando a diversidade para além da lógica ocidental e/ou europeia.

O sétimo artigo é de autoria de Fábio Ramos Barbosa Filho, um dos organizadores do livro. O texto “Projetos de lei contrários à ‘linguagem neutra’ no Brasil” traz um verdadeiro retrato da situação atual da linguagem neutra no que concerne à legislação brasileira. A partir de uma contextualização inicial sobre os debates sobre a língua, a idealização de uma língua universal, o autor propõe que esses embates sejam olhados “nos arranjos históricos dos quais emergem, em suas condições de produção específicas” (BARBOSA; FILHO, 2022, p. 143). Além disso, ele pontua que analisará os efeitos de sentido evocados por “língua nacional”, não os *sentidos*, pois a palavra não teria um sentido *a priori*. Outra distinção importante é a língua enquanto sistema e os usos que são feitos dela, ou seja, o discurso. Assim, Barbosa Filho analisa quais efeitos de sentido são evocados de *linguagem* nos projetos de lei, pensando não na palavra em si, mas em seu funcionamento no texto e ele se envereda pelo que estaria por trás dessa ideia de que se estaria falando somente sobre a gramática da língua e encontra um campo de embates dentro desses projetos de lei.

Em “Contribuições para intervir na esfera pública: projeto de lei sobre a linguagem inclusiva de gênero”, Mara Glzman debate sobre o projeto de lei sobre a linguagem inclusiva de gênero na Argentina. A autora é pesquisadora no *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* e é professora na graduação em Letras na Universidade de Buenos Aires. Além disso, ela faz parte do grupo que elabora o projeto de lei em questão. A autora discute um aspecto fundamental: a singularidade que existe em cada país quando se vai discutir questões de língua e como isso influencia na concepção de uma ideia de linguagem inclusiva. O que a autora nos traz é um lembrete de que é preciso pensar sobre a história, sobre a relação com a língua, como as pessoas lidam com a variação linguística para, daí sim, partir para a elaboração do projeto. É com um olhar sensível que ela nos mostra que há singularidades em um fenômeno tão amplo.

No último capítulo do livro, cuja autoria é de Samuel Gomes de Oliveira, que é doutorando em Letras - Estudos da Linguagem pela UFRGS e que atua como professor de língua portuguesa. O capítulo fecha a obra propondo uma reflexão sobre a linguagem neutra de gênero e o ensino de língua portuguesa nas escolas, sobre ser ou não o papel do professor ensinar sobre esse tema e refletindo sobre o papel da própria linguagem neutra no ensino. Ele pensa sobre essas questões a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nas palavras de Oliveira, “A aula de língua portuguesa não pode deixar de acompanhar a evolução da língua e as lutas sociais travadas no terreno linguístico” (OLIVEIRA, 2022, p. 195).

É possível dizer que a leitura dos artigos proporciona excelentes reflexões a esse respeito e nos mostra a importância dos estudos que são feitos na universidade e como é essencial que esses resultados sejam socializados para a comunidade em geral. O próprio título, que traz aspas em “neutra” (*Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate*) convida o leitor a se questionar: será que a linguagem é realmente neutra?

Foi uma grata surpresa perceber a grandeza da obra, tantas questões importantes colocadas lado a lado, discutidas com seriedade, sem hierarquizar ou rivalizar os fenômenos. Desde a discussão sobre gênero na língua, questões levantadas pelo feminismo sobre o masculino como marca de neutralidade e a linguagem neutra, os artigos que compõem esse livro são leituras essenciais para acadêmicos, pesquisadores e todos aqueles interessados em conhecer mais sobre o assunto. De maneira didática, os autores conseguiram explicar temas que normalmente vemos sendo abordados por gramáticos ou profissionais de outras áreas que prezam, muitas vezes, pela gramática normativa e que veem a língua como sendo utilizada de forma correta e incorreta.

Por fim, gostaríamos apenas de pontuar que percebemos a ausência de contribuição de linguistas que se identificam como pessoas não binárias. Acreditamos que trazer essas vozes seria importante e enriqueceria ainda mais a obra. Ressaltamos, contudo, que isso não diminui a qualidade da obra resenhada. No entanto, não podemos deixar de compartilhar o entendimento de que a consideração da inclusão de vozes mais diversas em obras futuras teria muito a acrescentar para o campo de estudos e para a linguística e até mesmo as ciências humanas como um todo.